

O subtexto do Chanceler Pero Lopez de Ayala na *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes referente ao biênio de 1383-1384: autoridade e desafio

MARCELLA LOPES GUIMARÃES

Resumen: El intento del artículo es percibir cómo el cronista portugués Fernão Lopes (1385-1460) se apropia, en el último texto suyo, del discurso del castellano Pero Lopez de Ayala (1332-1407) en la *Crónica de D. Juan I*. La parte elegida para el examen fue el bienio de 1383-1384, antes, por lo tanto, de la Batalla de Aljubarrota (1385). La comparación de las crónicas citadas todavía ya fue realizada por investigadores renombrados, sin embargo mi trabajo sigue el camino por la reducción de escala, o sea, por un análisis interpretativo de un bienio específico, con la finalidad de iniciar un análisis más abarcador del rasgo de la crónica medieval ibérica medieval, objeto de mi presente pesquisa.

Palabras clave: apropiación, crónicas ibéricas, realidad tardo-medieval

Abstract: This article aims at understanding how Portuguese chronicler Fernão Lopes (1385-1460) appropriates the discourse of Pero Lopez de Ayala's (1332-1407) Chronicle of D. Juan I into his last text. I will be approaching the two-year period of 1383-1384 – therefore, before the Battle of Aljubarrota (1385). The aforementioned chronicles have been the subject of examination by renowned researchers before. However, my work focuses on a reduced scale, ie an interpretative analysis of a specific period of time, so as to preface a more comprehensive analysis of the medieval Iberian chronicle, subject of my current research.

Keywords: appropriation, Iberian chronicles, late-medieval reality.

Entre 1385 e 1460, tempo aproximado de vida do cronista português Fernão Lopes, Portugal atravessou duas graves crises, a de 1383-1385 e a de Alfarrobeira (1449). A primeira alçou o hesitante Mestre de Avis à condição de rei de Portugal, contra o testamento do rei D. Fernando (1367-1383), contra a legitimidade de D. Beatriz, sua filha, e contra o carisma do Infante D. João de Castro, filho de Inês e Pedro I (1357-1367). Sobre essa primeira crise que acarretou uma cisão dinástica, Fernão Lopes leu e ouviu contar. Depois da morte de D. Duarte (1433-1438), monarca que o nomeou para o cargo de cronista, ele continuou a obter favor na corte do regente, D. Pedro, Duque de Coimbra, e certamente viu as manobras que cercaram o afastamento da rainha D. Leonor dessa regência e da criação do filho, o futuro rei Afonso V (1448-1481)¹. O português Fernão Lopes veio ainda da vila², foi tabelião, de um grupo privilegiado, os tabeliões gerais³. Foi ainda escrivão da puridade do infante santo D. Fernando, além de guarda-mor da Torre do Tombo e cronista, mas terminou seus dias como Vassalo del-rei⁴. Nasceu na cidade, na cidade apareceu⁵, todavia se fez na corte, escreveu em ambiente cortesão para o público cortesão.

- 1 Segundo Oliveira Marques, Fernão Lopes trabalhava na primeira parte da *Crônica de D. João I* em 1443. OLIVEIRA MARQUES, *Ensaios de historiografia portuguesa*, Palas Editores, Lisboa, 1988; p.96.
- 2 Segundo António José SARAIVA: “No castelo residem os senhores e os homens da guerra; na vila, que é o aglomerado constituído à volta do castelo, os cidadãos e o povo miúdo. A atenção do cronista vai toda para o que se passa e se diz na vila, para os ajuntamentos dos vilões, os seus comentários, as suas resoluções.” em *Para a História da Cultura em Portugal*, V. II, Gradiva, Lisboa, 1995; p.231.
- 3 António José SARAIVA, *Fernão Lopes*, Europa – América, Lisboa, s/d; p.13.
- 4 Ibidem, p. 15.
- 5 E conviveu, como afirma OLIVEIRA MARQUES, *Ensaios...*, p.94.

O cronista Pero Lopez de Ayala (1332-1407) não foi um homem da vila, mas sim do castelo e esta não é a única diferença possível de ser primeiramente percebida entre ele e Fernão Lopes. O castelhano viu sucederem-se no trono do seu reino cinco monarcas, dentre os quais quatro foram protagonistas de seus textos⁶: D. Pedro I (1350-1369), Henrique II, o Trastâmara (1369-1379), D. Juan I (1379-1391), D. Henrique III (1390-1406). Assim, Ayala foi coetâneo dos acontecimentos que narrou e tomou-lhes parte em algumas situações não na condição de figurante, caso, por exemplo, da sua prisão depois da Batalha de Aljubarrota (1385) e do discurso que fez instando D. Juan I a abandonar seu projeto de abdicação. Ambos os acontecimentos acham-se narrados na sua *Crónica de D. Juan I*.

Em Portugal, à época em que o cargo de cronista foi criado, justamente a partir de Fernão Lopes, desenhou-se uma associação que perduraria até o século XVII, entre o cronista régio e o guardião dos documentos da Torre do Tombo. Fernão Lopes não seria jamais um político como Ayala, que fora chanceler maior de Castela, embaixador na França e tutor de rei!

Emilio Mitre Fernandes afirma que Ayala é o que “melhor

6 *A Biblioteca de autores españoles desde la formación del lenguaje hasta nuestros días*, que editou todas as crônicas dos reis de Castela, de D. Afonso X, o Sábio, até os católicos Fernando e Isabel, afirma que, se pairam dúvidas a respeito da autoria das crônicas relativas aos reinados do próprio Afonso X, de Sancho IV, Fernando IV e Afonso XI, elas desaparecem quando se trata das que versam sobre D. Pedro I, Henrique II, Juan I e Henrique III, inequivocamente atribuídas a Pero Lopez de Ayala. Sobre a polémica, conferir o prefácio “Ao lector” do 1º tomo das *Cronicas de los reyes de Castilla desde Don Alfonso el Sabio, hasta los católicos Don Fernando y Doña Isabel*. Colección, ordenada por Don Cayetano Rosell. Madrid, 1953. A partir desse momento, todas citações referentes à *Crónica de D. Juan I* provirão do 2º tomo dessa mesma edição.

7 Sobre Aljubarrota, nos capítulos 14 e 15 do ano 1385 e, sobre o projeto de abdicação, nos capítulos 1 e 2 do ano 1390.

representa um meio social concreto e também aquele que mais sentiu, na própria carne, o desenvolvimento dos acontecimentos narrados na sua obra”⁸. Antes de se propalar, entretanto, que em Ayala encontramos a “reportagem” mais fiel dos acontecimentos, urge questionar primeiro sobre quantas perspectivas um ator consegue perceber a cena no exato instante de sua atuação no palco? Além disso, caberia lembrar a assertiva de Georges Duby, segundo o qual “para a observação histórica, o momento privilegiado é aquele onde o combate chega ao fim”⁹.

1. Sobre o recorte proposto:

Na *Crônica de D. Pedro I* de Fernão Lopes, mais de 50 % do texto se refere à Castela de Pedro Cruel¹⁰ e a principal fonte de Lopes para a sua narração é inquestionavelmente Pero Lopez de Ayala, de quem o português compila largas páginas. O reinado de Pedro I de Portugal era o mais distante a que a narração de Fernão Lopes chegaria, assim se manifesta no primeiro texto de sua autoria que nos sobrou “toda a sua atenção em recuperar as idéias, frases, palavras de suas fontes [no caso, destaco o castelhano], para abrigar-se sob sua autoridade”¹¹, mesmo que no conjunto da narrativa, essa “valorização” ameaçasse o próprio

8 Emilio MITRE FERNANDES, “Froissart, Ayala e Fernão Lopes – o compromisso de três cronistas ante a crise dos finais do século XIV” em *Revista História & Crítica*, número 12 (1985), Faculdade de Letras de Lisboa, p.59.

9 Georges DUBY, “História social e ideologias das sociedades” em Jacques LE GOFF, Pierre NORA, *História: novos problemas*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1979; p.138.

10 Conferir as pág. 90 e 269 de Marcella Lopes GUIMARÃES, *Estudo das representações de monarca nas crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV). O espelho do rei: “- Decifra-me e te devoro”*. Tese de doutoramento em História defendida no dia 22 de abril de 2004 nas dependências da UFPR, Curitiba (PR). 275 p.

11 Bernard GUENÉE, “História” em Jacques LE GOFF, Jean-Claude SCHMITT, *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. V. I. EDUSC, Bauru (SP), 2006; p.533.

status de protagonista do monarca português. Não devemos menosprezar que o critério de autoridade, único com que o historiador medieval realmente podia contar¹², era favorável a Pero Lopez de Ayala, autoria prestigiada cujos fiadores eram monarcas¹³. Assim, qualquer “transferência” nesse caso é compatível com esse critério.

Ao longo das outras duas crônicas favorecidas por Avis, a *Crônica de D. Fernando* e a *Crônica de D. João I*, o texto do castelhano continuará sendo uma fonte muito importante, ainda que se altere o caráter de sua incorporação, já que Fernão Lopes escreve sobre um passado mais próximo a si próprio. Proponho, assim, para a análise desse tema, da relação que Fernão Lopes estabelece com a autoridade de Ayala, o lapso cronológico referente a dois anos narrados pelo português e pelo castelhano, especialmente da morte do Conde João Fernandes Andeiro, em 6 de dezembro de 1383, à chegada do monarca castelhano D. Juan I a Sevilha, depois do levantamento do cerco de Lisboa em 1384.

Na *Crônica Del Rey D. Juan I* de Pero Lopez de Ayala, a narrativa da morte do conde se dá apenas no cap. 14 de 83 e o levantamento do cerco no capítulo 11 de 84. É necessário, porém, ampliar a leitura da margem de capítulos de Ayala, pois Fernão Lopes narra, depois da morte do Andeiro, acontecimentos que no texto do castelhano são narrados antes do crime. Assim, serão observados os dois anos da narrativa de Ayala referentes a 1383 e 1384, um total de 27 capítulos. Esse recorte, respeitadas as balizas do biênio proposto, é narrado por Fernão Lopes em 156 capítulos, que correspondem a mais de 1/3 do total dos dois volumes da *Crônica de D. João I* que chegaram a nós. Em Ayala, a narração do mesmo biênio corresponde a 1/5 do total de capítulos da *Crônica Del Rey D. Juan I*.

12 Ibidem, p.530.

13 “Havia textos que tinham mais ou menos autoridade. Deviam-na ao seu autor ou ao seu fiador. Um texto aprovado por um príncipe tinha menos autoridade que um texto aprovado por um rei.” – Ibidem.

Há pelo menos dois motivos que podem ser alegados para explicar a aparente disparidade que o peso do biênio tem nas duas crônicas. A primeira é que as maiores certezas na *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes compreendem a narração de acontecimentos sucedidos entre 1383 e 1390¹⁴, enquanto na década seguinte, há muito mais imprecisões¹⁵, surpreendentemente, em um tempo que está mais próximo ainda de si... Que não se pense, porém, que o cronista português despreze a precisão e que a narrativa da sua maior crônica não prime pela riqueza de detalhes, já que o próprio Fernão Lopes sabe reclamar, pela boca de João das Regras, das lacunas com que o rei D. Pedro I lembrava do casamento com D. Inês de Castro¹⁶. Muito do silêncio do cronista português incorre sim sobre a crise gritada nas cortes¹⁷... Ora, quando confrontamos a narrativa de Fernão Lopes, protagonizada pelo *Mexias de Lixboa*, ao seu reinado efetivo¹⁸, constatamos que ou o trabalho de por em crônica os reis que em Portugal foram estava atrasado, como alegaria o sucessor do português, Gomes Eanes de Zurara¹⁹, ou que os períodos de paz não suscitam narrativas... O segundo motivo para a disparidade, a partir de Ayala, faz-nos constatar que na narrativa protagonizada por D. Juan de Castela, o cronista insere obviamente acontecimentos que Fernão Lopes já narrara na *Crônica de D. Fernando*.

Assim, a simples comparação do peso que o biênio 1383/1384

14 Humberto BAQUERO MORENO, “Introdução” à *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes. p. XXX. Livraria Civilização, Porto, s/d. (volumes I e II). A partir desse momento, todas as citações da referida crônica provirão dessa edição.

15 *Ibidem*.

16 *CD João*, I, p.405.

17 Humberto BAQUERO MORENO, “Introdução”...; p. XXVI e XXVII.

18 Segundo Baquero, “Todo o longo reinado de D. João I, que se estende de 1400 a 1433, se encontra virtualmente por tratar” *Ibidem*, p.XXX.

19 3º capítulo da *Crônica da Tomada de Ceuta*. Europa América, Lisboa, 1992.

tem na *Crónica Del Rey D. Juan I* de Pero Lopes de Ayala e na *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes fortalece a constatação de Manuel Rodrigues Lapa e Teresa Amado, de que a parte do texto do castelhano, protagonizada pelo segundo monarca trastamarista e “integrada na obra portuguesa é (...) ao contrário do que muitos autores têm pretendido, relativamente curta”²⁰ e que Fernão Lopes utilizou-se de muitas e variadas fontes para a composição de seu maior texto. O cotejamento das duas crônicas citadas foi realizado na sua totalidade pela pesquisadora citada²¹. Esse artigo envereda, porém, por duas outras direções, pela observação mais detida do relacionamento de Fernão Lopes com o texto de Ayala relativo ao biênio 83/84 e pelo conjunto das duas crônicas que o representam, a fim de prefaciá-las uma análise mais abrangente do perfil da crônica ibérica tardo-medieval, objeto de minha presente pesquisa.

2. “E cada huũ levavom seu senhor em huũ ataude cuberto do dôo”²²

Ambas as balizas que demarcam o recorte deste artigo referem-se a lutos emblemáticos nos textos de Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala. O assassinato do Andeiro, impetrado a princípio pelo Mestre de Avis, e terminado por Rui Pereira, deflagra as ações que culminariam com a Regência e Defesa do Reino português por parte de D. João. No segundo caso, do le-

20 Teresa AMADO, *Fernão Lopes, contador de História – sobre a Crônica de D. João I*. Estampa, Lisboa, 1997; p.179.

21 Antes de realizar o cotejamento sistemático, Teresa Amado registrou que Fernão Lopes, em relação à *Crônica de D. Juan I*, “omite três notícias importantes: a de o Mestre de Avis escreveu a primeira carta ao marido de D. Beatriz, logo após a morte de D. Fernando, incitando-o a tomar Portugal (...); a de que (...) o povo de Lisboa (...) exprimia o desejo de que fosse rei o infante João, e de que o Mestre de Avis mandou fazer um pendão com a imagem do infante preso por cadeias (...) e a do cerco de Mértola (...)”
Ibidem, p.180.

22 *CD João*, I, p.332.

vantamento do Cerco, Fernão Lopes o explica de forma muito diferente de Ayala, ainda que sobressaia o uso que faz do texto do castelhano. O português prefere interpretar o levantamento do cerco via providencialismo, um exemplo é a rememoração do sermão do franciscano Rodrigo de Sintra²³. Esse aspecto não significa uma inovação de Fernão Lopes, mas o resgate de um traço da tradição cronística, estudado por Galán Sánchez²⁴, que será sintetizado no texto do português pelo epíteto dado a D. João, o *Mexias de Lixboa*, inexistente em Ayala.

Se só no capítulo 11 de Ayala²⁵, o cronista afirma que o rei não queria partir de Lisboa, Fernão Lopes investe muito mais na insistência do mesmo em querer tomar a cidade, “come sse ciientemente lhe prouguesse de os [seus súditos] offereçer aa morte!”²⁶, “endurado em seu coraçõm”²⁷. Além disso, um fato absolutamente diverso é a principal motivação do castelhano para Fernão Lopes, a doença da rainha, não abordada por Ayala. A narração da partida dos castelhanos feita pelo português, “vestidos de grãde luito”²⁸, secundados por um rei “nojoso e desacompanhado dos senhores e fidalgos que aa primeira comsigo trouvera”²⁹ prefacia a da derrota depois em Aljubarrota, espécie de epicentro dos dois volumes de Fernão Lopes, a batalha que prova afinal D. João I como um rei viável para Portugal.

Ao cotejarmos as narrações dos cronistas referentes a 1383,

23 Sobre isso, já escrevi em “Franciscanos e dominicanos nas crônicas de Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala, séculos XIV e XV” em Alberto MOREIRA, *São Francisco e as fontes franciscanas*. Editora Universitária São Francisco, Bragança Paulista, 2007.

24 Pedro Juan GALÁN SÁNCHEZ, *El Género historiográfico de la Chronica – las crónicas hispanas de época visigoda*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 1994; p.47.

25 *CD Juan I*, ano de 1384.

26 *CD João*, I, p.311.

27 *Ibidem*, p.318.

28 *Ibidem*, p.332.

29 *Ibidem*.

há que se destacar dentre os acontecimentos registrados por ambos, além da morte do Andeiro, a consciência de Fernão Lopes sobre a forma como em Castela se balizam cronologicamente os acontecimentos³⁰, ou seja, a opção pela Era de Cristo³¹; a prisão do Conde Afonso, irmão do rei de Castela³²; a prisão de D. João de Castro³³ e a menção ao gesto do Bispo da Guarda de oferecer ao castelhano a sua cidade³⁴. No caso da prisão do filho de Inês de Castro, embora o português só trate com vagar do assunto no capítulo 53, antecipa-o algumas vezes, mormente quando menciona a carta enviada pelo Mestre a seu irmão, no capítulo 28 (*CD João*, I).

O ano de 1383 de Ayala começa com a narração das bodas de D. Beatriz e D. Juan de Castela, assunto este tratado por Fernão Lopes na *Crônica de D. Fernando*. Assim, no que tange ao rol dos acontecimentos sucedidos naquele ano e narrados por ambos, sobressai uma modesta coincidência, constatação oposta a se revelará a propósito de 1384, que demarca duas crônicas portuguesas e “liberta” seu cronista da autoridade do castelhano. Que sentido Fernão Lopes dá, entretanto, a essa liberdade?

30 Ibidem, p.117. Na *CD Juan I*, a decisão que firma a obrigação de se pôr nos documentos a Era de Cristo é mencionada depois das cortes de Segóvia, no capítulo 5 de 1383.

31 Sobre isso já escrevi em “A *Sétima Idade* de Fernão Lopes: novo tempo para os Príncipes de Avis?” em Andréa DORÉ, Luís Filipe Silvério LIMA, Luiz Geraldo SILVA (orgs.), *Facetas do Império na História*. Aderaldo & Rothschild, Brasília (DF), 2008.

32 Capítulo 7 de Ayala (*CD Juan I*, 1383) e 52 de Lopes (*CD João*, I).

33 Capítulo 8 de Ayala (*CD Juan I*, 1383) e 53 de Lopes (*CD João*, I).

34 Seg. nota da pág. 87 (*CD Juan I*, 1383), ele era português e se chamava D. Afonso Correia. O capítulo 10 de Ayala (*CD Juan I*, 1383) corresponde ao 57 de F. Lopes (*CD João*, I), onde há uma informação a mais, o nome do “escudeiro” apenas citado de forma indeterminada por Ayala. Em Fernão Lopes, é Álvaro Gil de Cabral (*CD João*, I, p.114).

3. “Pois os humanaes feitos se julgam segundo a entençom e nom segundo a obra que sse delles segue”³⁵

No proêmio à *Crónica Del Rey D. Pedro*, Pero Lopez de Ayala afirma que foram os príncipes e reis que ordenaram a feitura de livros chamados de crônicas ou histórias, nos quais seriam narradas “las caballarias” e outras coisas que os mesmos príncipes fizeram, para aprendizado dos que depois deles viessem³⁶. Pero Lopez de Ayala escreve a partir do que viu, segundo manifesta no mesmo proêmio, e não entende dizer senão a verdade³⁷. No prólogo da *Crônica de D. João I*, o valor elevado por Fernão Lopes é justamente a verdade, toldada, segundo o mesmo Lopes, pela “mundanall afeiçom”³⁸ que une o homem que escreve histórias³⁹ à terra em que foi criado. Além do treino profissional de tabelião que lhe impingiu o respeito ao documento e “levou-o a conceber a história como um processo instruído documentalmente”⁴⁰, havia a tradição clássica, cujos postulados básicos para o fazer histórico, nem Ayala, nem Fernão Lopes ignoravam⁴¹. Sem citar nomes, o cronista da dinastia de Avis

35 *CD João, I*, p.38.

36 Tomo I da edição citada na nota 6, p.399.

37 *Ibidem*, p.400.

38 *CD João, I*, p.1.

39 *Ibidem*.

40 José Gaspar de O. NASCIMENTO, *A Língua Portuguesa no século XV: Fernão Lopes*. TCM, Sorocaba (SP), 2001; p. 30.

41 “A arte de escrever história define-se desde Fernão Lopes dentro de postulados que pertencem à tradição clássica; a preocupação de verdade e de imparcialidade na utilização das provas, que o nosso cronista sublinha, define-se como condição indispensável à concepção de história desde o séc. V a. C., com a obra de Tucídides” – Nair de Nazaré C. SOARES, “A Historiografia do Renascimento em Portugal: referentes estéticos e ideológicos humanistas” em Luís Filipe THOMAZ, *Aquém e além da Trapobana – estudos lusorientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*. Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,

afirma que essa relação fez com que alguns “estoriadores”⁴², ainda que “de boa autoridade fossem”⁴³, desviassem-se da direita estrada, que no texto se chama verdade. Maior destaque tem essa constatação na *Crônica de D. João I*.

Fernão Lopes não viu, mas seu texto oferece um quadro vivo das movimentações sociais à roda de 1383-1385 que celebrizaram o seu nome. Além disso, autoriza-se a exortações e outras assertivas que funcionam como máximas no texto:

Certo he que amtre as comdições que do amor escpreve, os que delle compridamente fallarom e foram criados em sua corte, assi he que por muito que emcobrir queira o que ama....⁴⁴

Nom tem ho ódio menos sentido daver vingança daquell que desama, que o amor de trigosos pemsamentos, de çedo possuir quem muito deseja....⁴⁵

Porque a esperiemçia nos emssina, que nom há hi tall que naça ssem alguñas comdições desvairadas; e que nossa natureza nom pode estar em tamto assessego, que alguñas vezes nom rreceba torvaçom....⁴⁶

Porque toda rrazom naturall outorga, que melhor e mais poderosamente podem os muitos dar fim a huña gram cousa quamdo a começar querem, que os poucos por mui ardidos que sejam....⁴⁷

Presas como breves prólogos ao assunto primordial a ser na-

Universidade Nova de Lisboa, Lisboa:, 2002; p.20.

42 *CD João*, I, p.2.

43 *Ibidem*.

44 *Ibidem*, p.7.

45 *Ibidem*, p.43.

46 *Ibidem*, p.63.

47 *Ibidem*, p.95.

rrado pelo cronista em cada capítulo, essas assertivas revelam ainda formas de pensar que em Ayala são muito menos declaradas.

Um dos traços mais singulares da relação entre o relato lopeano e o de Ayala é a ordenação temporal do discurso. Como já ressaltamos a respeito da antecipação da prisão de D. João de Castro, é em Fernão Lopes que se evidencia mais a dificuldade de narrar o simultâneo:

Porque elRei de Castella vem pêra emtrar em Portugall; NunAllvarez outro ssi veemse a Lixboa; desi o castello da cidade trabalhasse o Meestre com ho poboo de o tomarê; alçamsse villas comtra os alcaides dos castellos pello rregno ffazemsse outras muitas cousas em huña sazom, de guisa que ãas torvam as outras, a sse nom poderem comtar nos dias que acoeteçerom⁴⁸.

Ayala deve ter sentido a mesma dificuldade narrativa, sobretudo levando-se em consideração que conhecia, do exercício pleno de ambas as modalidades, as características da prosa e da poesia. Entretanto, a organização da sua narrativa é muito mais presa a balizas temporais que a de Fernão Lopes, mais atenta à ordem dos assuntos⁴⁹. Assim, quando este inicia um, esgota-o, mesmo que antecipe, nesse recorte, acontecimentos sobre os quais se deterá melhor posteriormente. As balizas temporais aparecem no texto do português⁵⁰, mas estão muito mais diluídas, pois lhe importa a hierarquia entre os acontecimentos⁵¹. Alguns exemplos desse fato já se encontram no rol narrado a

48 Ibidem, p.59.

49 “Ele não seguiu a simples ordem cronológica dos acontecimentos, antes procurou ordenar a matéria variada que constitui a sua visão histórica em grandes conjuntos artísticos” em José Gaspar de O. NASCIMENTO, *A Língua Portuguesa...*, p.14.

50 A primeira referência explícita está na p. 22 (*CD João, I*).

51 NASCIMENTO, José Gaspar de O. *A Língua Portuguesa...*, p.40.

partir de 1384.

Um diz respeito à Leonor Teles: sua aproximação ao rei de Castela, a renúncia ao governo do reino e a sua prisão. Ayala resolve a dificuldade para lidar com a simultaneidade recorrendo à síntese e ao resultado, assim no capítulo 6⁵² anuncia rapidamente que D. Juan, depois de ouvir uma série de conselhos, decide prender a rainha portuguesa, enquanto Fernão Lopes trata do mesmo assunto do capítulo 76 ao 85⁵³. Só no texto do português lemos o esgotamento paulatino da relação “amistosa” entre a rainha e o genro; a “delação” de D. Yuda, o judeu; os ardis de Leonor Teles, depois que a sua relação com o rei de Castela se deteriora e a menção ao apoio que o Mestre lhe daria se ela apoiasse a sua causa. Fernão Lopes excursa, evoca situações, adianta outras, ora o tempo narrativo é ágil, ora lento⁵⁴, e conduz o leitor na percepção da sucessão dos acontecimentos. O narrador de Lopes é muito mais atuante que o de Ayala, sem que neste desapareça, sobretudo em certos comentários à atuação de D. Juan I.

Outro exemplo significativo da relação que Fernão Lopes estabelece com o texto de Ayala se refere à diferença de abordagem acerca de um personagem do maior valor para a dinastia de Avis, Nun’Álvares Pereira. Ayala só o traz à cena no capítulo 4 do ano de 1384 e lhe chama o tempo todo de escudeiro. Na *Crônica de D. João I*, por outro lado, o futuro condestável aparece já nas maquinações que culminaram na morte do conde Andeiro. Nun’Álvares morre em 1431 e na crônica de Fernão Lopes há a afirmação clara de que, enquanto o cavaleiro viveu, ninguém escreveu sobre ele⁵⁵. Também não menciona que, no momento da escrita do texto protagonizado por D. João I, em torno de 1443, haveria já um, o que parece significar que o “pagnegirico” construído para o filho do Prior do Hospital é poste-

52 *CD Juan I*, 1384.

53 *CD João*, I.

54 NASCIMENTO, José Gaspar de O. *A Língua Portuguesa...*, p.70.

55 *CD João*, I, p.64.

rior ao texto de Lopes⁵⁶.

Fernão Lopes constrói uma espécie de prólogo em que exalta a necessidade de narrar as virtudes do futuro condestável⁵⁷, revela a sua linhagem⁵⁸, como tomou as armas das mãos de D. Leonor⁵⁹, a quem haveria de virar as costas, as circunstâncias de seu casamento, como pretendia ser um Gallaz português, seus poderes⁶⁰, seus hábitos de fé que superavam reis⁶¹, sua humildade⁶², seu conflito com os irmãos etc. A praticamente nada disso se entrega Ayala, que lhe põe como protagonista na morte do Mestre de Alcântara⁶³, refere-se ao problema com os irmãos, mas lhe exime do confronto com Pero Sarmiento, antagonismo esse detalhado por Fernão Lopes, com a recuperação mesmo de expressões prosaicas e descorteses da parte do castelhano⁶⁴. Nesse caso, como em outros, sobressai o uso que Fernão Lopes faz do discurso direto.

A inclusão do prosaico manifesta um “índice de oralidade”⁶⁵ diferente do incorporado por Ayala, mais interessado em reproduzir ponderados conselhos ao monarca castelhano, alguns dos quais ele mesmo dera. Em Fernão Lopes, além da referência

56 Embora Teresa Amado discorde, *Fernão Lopes...*, p.48.

57 *CD João*, I, cap. 31.

58 *Ibidem*, cap. 32.

59 *Ibidem*, cap. 33.

60 *Ibidem*, p.168.

61 *Ibidem*, p.173.

62 *Ibidem*, p.184.

63 *CD Juan I*, cap. 5 do ano de 1384.

64 Pero Sarmiento “o entendia [a Nun’Álvares] daçoutar no cuu come menino”, *CD João*, I, p. 297.

65 Paul ZUMTHOR, em *A Letra e a voz* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.35), entende por índice de oralidade “tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação* – quer dizer, na mutação pela qual o texto passou, uma ou mais vezes, de um estado virtual à atualidade e existiu na atenção e na memória de certo número de indivíduos”, p.35.

insistente ao verbo ouvir por ler, a aparição do jogral Anequim, que ignorava fronteiras e chamava compadre a qualquer um⁶⁶, a incorporação de um cantiga de escárnio e mal dizer⁶⁷, de impróprio de mulheres⁶⁸, de imprecações de Leonor Teles, das graças dos povos diante da morte do Andeiro⁶⁹, das falas de alfaiates⁷⁰ etc constituem índices dessa espécie.

Assim como na *Crônica de D. Fernando*, a propósito da narrativa das desventuras de D. João de Castro, foi possível lançar a hipótese da inclusão feita por Fernão Lopes em suas crônicas de narrativas hoje perdidas⁷¹, na de *D. João I*, também se enxertam aventuras protagonizadas por arditos cavaleiros, ignoradas por Ayala, como Pero Rodriguez⁷² e Gil Fernandes⁷³.

Tanto nos casos de D. Leonor quanto no de Nun'Álvares, sobressaem diferenças de abordagem significativas entre as narrativas de Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala. Muitas vezes, ao longo do texto, o cronista português contrapõe as versões dos fatos e deixa à sua assistência a solução do enigma da verdade, mas há momentos em que Lopes se insurge contra a versão apresentada pelo castelhano, ainda que sem nomeá-lo, chamando textualmente de mentiroso quem registrara algo diferente do que apresenta. Um evento bastante emblemático desse embate discursivo é a suspeita, dada em Ayala como fato⁷⁴, da tentativa intermediada por Pero Fernandes de Velasco de o monarca castelhano firmar um acordo com o Mestre de Avis. Na *Crônica de D. Juan*, o Camareiro Velasco ouve a proposta de D. João de permanecer como governador do reino até que o castelhano

66 *CD João, I*, p.137.

67 *Ibidem*, p.26.

68 *Ibidem*, p.88.

69 *Ibidem*, p.225.

70 *Ibidem*, p.90.

71 Sobre isso, escrevi em “D. João de Castro (1352-1397): herói de uma crônica perdida”. O texto aguarda publicação.

72 *CD João, I*, p. 187 a 201

73 *Ibidem*, p.205 e 206.

74 *CD Juan I*, cap. 9 do ano de 1384.

tivesse um filho com D. Beatriz. Ao que Fernão Lopes redargúi:

E sse neste lugar alguũs escprevem que elREi rrespomdeo, que já lhe cometera muitas preitesias, assiinamdo como e per que guisa, e as rrepostas que o Meestre dava, tall escriptura avee por patranha, e nom lhe dees ffe, por seer mui comtraira da verdade. Porque manifesto he que elRei ataa este tempo, numca lhe comteo nehuũa aveemça, nem tiinha rrazom de lha cometer; amte aviaa por escarnho a voz que tomara, ell e a çidade, teendo que çedo sse aviaa de perder de todo, ell e quantos mamtiinham seu bando.⁷⁵

4. “Nam teemos [cousa] que dizer de presentte, por azo das treguoas que os Reis fizeram”⁷⁶

Essa declaração de Fernão Lopes acha-se no espaço narrativo que transcende às balizas que orientam esse artigo. A declaração do cronista português é feita em capítulo imediatamente posterior à narração da morte de D. Juan I de Castela, ocorrida em 1390⁷⁷. A partir desse fragmento, como observou Baquero Moreno, sobram as imprecisões em Fernão Lopes e o segundo volume de seu texto caminha para o fim a páginas breves. A declaração, porém, revela um dado singular sobre o fazer cronístico. Hierarquicamente o grande tema da crônica lopeana não é a paz. Dela se fala sim, quando não há mais nada a dizer da guerra.

Tanto as crônicas de Ayala quanto as de Fernão Lopes são textos que remontam a realidades próximas, mais para o castelhano, e relacionadas especialmente aos destinos de seus reinos. Embora seus títulos personifiquem protagonismos, “em sua

75 *CD João*, I, p.255 e 256.

76 *CD João*, II, p.319.

77 *CD João*, II, cap. 146, compilado do 20 da *CD Juan I*, ano de 1390.

estrutura trata-se [no caso de Fernão Lopes, mas poderíamos incluir Ayala] de uma obra de conjunto que busca, na construção e por vezes desconstrução das individualidades régias, um resultado propagandístico sutil e bem elaborado⁷⁸. A *Crónica Del Rey D. Juan I* materializa uma realização muito difícil para Ayala, como combinar a exaltação dos feitos trastamaristas com o saldo desastrado que o reinado do filho de Henrique II deixava para Castela? Fernão Lopes tem uma tarefa talvez mais fácil, expurgar seu Mestre da pecha de usurpador e construir um relato que revele a aprendizagem paulatina de um homem que não nasceu rei.

No último ano da *Crónica Del Rey D. Juan I*, o monarca castelhano pensa em renunciar ao reino de Castela em favor de seu filho, o futuro Henrique III, e ficar na Andaluzia para poder retomar seu plano de assumir o trono português⁷⁹. Solicita ao conselho, que Pero Lopez de Ayala integrava, uma posição a esse respeito. Transcritas em um longo capítulo⁸⁰ estão as razões contundentes e contrárias a essa proposta. Um dos argumentos do conselho fundamentou-se no registro de crônicas, uma referência intratextual do valor do texto, no mesmo instante em que a tradição é renovada. O conselho apela para as crônicas, lidas em presença do rei, para lembrar de exemplos danosos à repartição do reino, as histórias provam o malefício, elas registram experiências que não podem ser esquecidas. Assim também faria Fernão Lopes para D. Fernando: “frente à crescente ameaça senhorialista representada pelas pressões de Afonso, Duque de Bragança, [forças coetâneas ao cronista português] Fernão Lopes, a serviço da dinastia de Avis aponta o dedo no passado, ao mau exemplo que teria sido oferecido por D. Fernando ao permitir excessivo espaço à alta nobreza na sua governacão, causa de sua pretensa desgraça política”⁸¹.

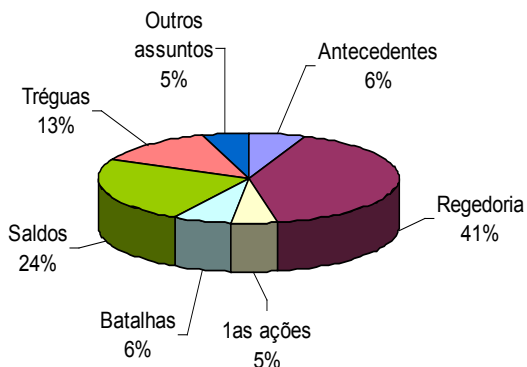
78 Fátima Regina FERNANDES, “Discursos e estratégias de poder na Idade Média peninsular”. O texto aguarda publicação. p.7.

79 *CD Juan I*, cap. 1 do ano de 1390.

80 *Ibidem*, cap. 2 do mesmo ano.

81 Fátima Regina FERNANDES, “Discursos e estratégias...”

Assuntos da Crônica de D. João I



82

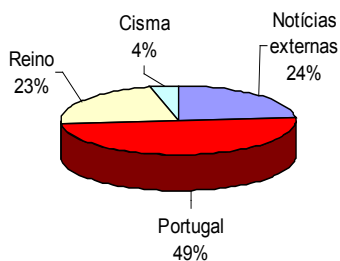
41 % da *Crônica de D. João I* diz respeito aos assuntos ligados à regedoria, também se inclui aí a guerra, já que durante essa etapa D. Juan I adentra o reino português, toma a regência de D. Leonor e cerca Lisboa, todas ações que não impactam pacificamente Portugal. Haveria como ser diferente? Do ponto de vista do discurso, sabemos que todo o reinado de D. João I acaba por ficar sem narração; do ponto de vista da prática do cronista, ignoramos as circunstâncias do atraso da escrita. No capítulo 49⁸², fica evidente que o cronista tinha a intenção de chegar à narração da tomada de Ceuta, mas sabemos que tal empreendimento só seria assumido por Zurara. Este, por seu lado, focaliza o evento que nomeia o texto como uma cruzada e tal perspectiva não é inovação anacrônica sua, já que a pena de Lopes já predestinara os portugueses: ao declarar cismáticos os castelhanos, não se cansa de propalar que a luta contra eles assemelhava-se às lides pela fé e ao afiançar que o tempo do evangelho português se anunciava a partir de D. João I. Ora, “Em vida do primeiro monarca de Avis sucederam-se, desde

82 *CD João*, I, p.101.

logo, os discursos normativos e os múltiplos mecanismos de representação e propaganda do poder régio, mas serão muito em particular o seu herdeiro e continuadores que irão dar forma a uma imorredoura e matricial memória desse rei fundador”.⁸³

O plano lopeano declarado de narrar a tomada de Ceuta significa que o cronista não tinha em mente o resultado que lhe ficou, mas dele podemos perguntar se, para além do exame dos capítulos, que revela diversas formas de lidar com a autoridade que o texto de Pero Lopes de Ayala representa ou com a consciência interna de que o texto cronístico tinha um compromisso de exortação exemplar às gerações futuras, o confronto dos planos gerais da crónica lopeana e a do castelhano teriam algo mais a explicitar?

Assuntos da Crónica de D. Juan I



Reafirmando o carácter provisório das conclusões, aventamos que o plano geral da *Crónica Del Rey D. Juan I* adensa o “desequilíbrio” da representação de Lopes em relação ao reinado de D. João I. O cronista castelhano registra em uma porcentagem destacada os assuntos relativos à governação de Castela.

83 Maria Helena da Cruz COELHO, *D. João I*. Coleção Reis de Portugal, edição do Círculo de Leitores, em colaboração com o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 2005. p.242.

Sobressai, porém, também nesse texto, a preponderância de assuntos relativos a Portugal, incluídas alianças, notícias, sucessão e embates. Destes, ainda participaria o reino da Inglaterra, já que Portugal foi seu aliado, pelo menos até que o Duque de Lencastre se desligasse dessa aliança para agir só. Contrapostos os dois planos, ainda que o texto de Ayala revele também um conhecimento de assuntos externos à Península Ibérica muito mais rico que a trilogia de Lopes, é possível tirar pelo menos três conclusões: que o resultado do ofício de ambos os cronistas esteve marcado pela experiência de embate entre os reinos vizinhos; que os longos períodos de contendas são a matéria principal dessa fração da crônica peninsular e que, mesmo “desafiada”, quando acusada de mentirosa, a autoridade do castelhano que exalta também, por seu lado uma nova dinastia, ainda fundamentou, como subtexto forte do palimpsesto lopeano, o perfil da sua maior realização, a *Crônica de D. João I*.

Marcella Lopes Guimarães es profesora de Historia Medieval en la Universidade Federal do Paraná (Brasil).

E-mail: marcella974@gmail.com

Recibido: 14 de julio de 2009.

Aceptado para su publicación: 5 de septiembre de 2009.